



Civitas - Revista de Ciências Sociais

ISSN: 1519-6089

civitas@puccrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Brasil

Huff, Arnaldo Érico

Imagens de Lutero no luteranismo brasileiro Políticas e identidades na Igreja Evangélica Luterana do
Brasil entre a I Guerra Mundial e o Pós-Ditadura Militar

Civitas - Revista de Ciências Sociais, vol. 6, núm. 2, julho-dezembro, 2006, pp. 123-150

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=74260207>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Imagens de Lutero no luteranismo brasileiro

Políticas e identidades na Igreja Evangélica Luterana
do Brasil entre a I Guerra Mundial
e o Pós-Ditadura Militar

*Arnaldo Érico Huff Júnior**

Se a pergunta for “qual a diferença entre católicos e protestantes?”, é possível que uma resposta freqüente seja que “os católicos possuem imagens e os protestantes não”. Porém, quando se fala em imagens nesse viés, deixa-se de lado todo um outro campo simbólico-imagético que reside fora do âmbito hagiológico e do mundo das imagens dos santos. De fato, estudiosos têm geralmente concordado que falar em práticas religiosas é tratar de simbologia como forma de comunicação de um modo bastante particular. A religião é a presença de uma ausência, disse Rubem Alves (1987, p. 14).

Se formos a rituais protestantes, evangélicos, pentecostais, iremos nos deparar com templos, bancos de igreja, altares, crucifixos, Bíblias, velas, vestes litúrgicas (talares, batinas, ternos e gravatas), batistérios, cálices, patenas, hinários, instrumentos musicais consagrados, estátuas de Jesus, vitrais contando histórias bíblicas, isso sem falar em todo o poder simbólico da

* Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, onde é professor de Antropologia da Religião.

<i>Civitas</i>	Porto Alegre	v. 6	n. 2	jul.-dez. 2006	p. 123-150
----------------	--------------	------	------	----------------	------------

palavra ritual falada ou cantada, dos gestos rituais ou das imagens e memórias de figuras emblemáticas, como Lutero, Calvino e outros. Como o catolicismo ou cada religião mundial, o protestantismo está também “enredado” em simbologias, imagens visuais, textuais, imaginadas.

Veja-se, por exemplo, a ironia, conforme Jan de Vries, de que a cultura holandesa do século 17, moldada fortemente pelo Calvinismo, com sua primazia dos textos sagrados e da palavra como meio de comunicação e sua completa rejeição de imagens sagradas, “tenha deixado imagens visuais – pinturas – como seu mais duradouro e influente legado” (Vries, 1991, p. 2).¹ Ou veja-se também, no mesmo sentido, o iconoclasmo registrado nos “santos degolados” pelos protestantes durante a Reforma na catedral de Utrecht (Imagem 1), que anunciam antes a força comunicativa da imagem que sua debilidade.



Imagem 1 (arquivo do autor)

Neste estudo, analisarei algumas das construções e apropriações da imagem de Lutero feitas por pastores e líderes da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (Ielb) entre o final da I Guerra Mundial e o pós-ditadura militar. Através de imagens visuais e discursivas produzidas ou apropriadas (reproduzidas), procurarei acerrar algumas das construções identitárias que

¹ “It is no small irony that the seventeenth-century Dutch culture, which Calvinism labored so mightily to shape, has left visual images – paintings – as its most enduring and influential legacy” [traduções do autor].

tiveram lugar. A intenção é analisar as relações entre as imagens e os modos como essas pessoas pensaram e agiram no mundo, como os significados foram negociados em diferentes situações conjunturais envoltas em processos sociais políticos e econômicos. Estarei perguntando também sobre as continuidades e as mudanças percebidas nas imagens de Lutero rememoradas pela Ielb. Nosso tema central girará, portanto, em torno das relações entre culturas visuais, culturas políticas e identidades em suas interfaces religiosas. Não se trata, porém, de uma “história das imagens de Lutero na Ielb”. Um estudo como esse não comportaria uma análise dessa proporção. O que farei apenas, então, é jogar, brincar com algumas imagens e discursos, aventando possibilidades de interpretação histórica.

Interpretar o passado é uma tarefa que apresenta severas restrições epistemológicas, justamente porque o passado já passou e o que entendemos como história trata-se apenas de um discurso sobre tal passado (Jenkins, 2001, p. 90-91). Se optarmos então por fazer história a partir de imagens, teremos ainda uma dificuldade adicional: a dos limites da linguagem oral ou escrita diante da retórica visual. As palavras são muitas vezes “fracas” para descrever o todo e a intensidade da experiência visual. Acresça-se a isso, ainda, a dificuldade metodológica que reside no tratamento dos significados envolvidos nas imagens, sempre sujeitos a diferentes subjetividades e conjunturas nem sempre acessíveis ao historiador (Jongh, 1991, p. 3-4).

As limitações em teoria e método não têm, porém, evitado que as imagens se coloquem como interessantes e desafiadoras evidências à pesquisa histórica. Vou aqui na sombra desse desafio. O caminho que adotarei, entretanto, é o do uso de fontes textuais e visuais, entendendo que as imagens podem complementar e suportar as evidências dos textos escritos, bem como oferecer acesso a aspectos do passado que outras fontes não oferecem. Imagens, nessa perspectiva, “[...] são testemunhas de acordos sociais passados e sobretudo de modos passados de ver e de pensar” que nos ajudam a “imaginar” o que aconteceu mais vividamente (Burke, 2001, p. 13, 184-185).² Os textos, por sua vez, por trazerem mensagens mais explícitas em meio a um mar de subjetividades, podem servir como balizas (Rabb e Brown, 1988, p. 1-2).

² “[...] images are testimonies of past social arrangements and above all of past ways of seeing and thinking”.

Não estarei preocupado com a descrição de quem foi o Lutero real ou verdadeiro por detrás dos discursos e imagens. Nem tampouco me ocuparei com o que os artistas quiseram originalmente comunicar em suas criações. Buscarei, antes, compreender as apropriações que luteranos têm produzido das memórias e imagens de Lutero a eles disponíveis, considerando a capacidade que as imagens apresentam de absorver as idéias e noções projetadas sobre elas pelo observador, à qual Jongh (1991, p. 128) denomina de “*patience of the picture*”. Tratar-se-á de um estudo histórico da construção de significados político-religiosos através de imagens e discursos, bem como da análise das construções de “eus” coletivos através das re-presentações de imagens e de memórias de seu líder fundador (Ewing, 1990, p. 265; Plate, 2002, p. 21).³ Estaremos lidando com aquilo que Freedberg (1989, p. xxii) chama de *response*: “os sintomas da relação entre imagem e observador”.⁴

Vale pontuar, nesse sentido, que uma vez que na experiência estética as emoções se articulam pela cognição (Nelson Goodman apud Freedberg, 1989, p. 25), na interpretação de símbolos estão envolvidos tanto processos afetivos quanto racionais. Em casos de manifestações do protestantismo como as que analisaremos aqui, a sistematização racional das crenças ocupa um lugar importante na vivência religiosa, mais ainda entre pastores bem treinados em teologia. São casos de fidelidade doutrinária nos quais o corpo de dogmas adquire um valor afetivo e identitário. Sendo assim, ao analisar a experiência estética religiosa luterana, perguntarei pelos modos pelos quais as estruturas culturais da Ielb – especialmente seus dogmas e crenças sistematizadas – têm sido re-vistas na interpretação (prática) dos símbolos grupais (Sahlins, 1990; Ortner, 1989).

É curioso, nesse sentido, notar que as Confissões Luteranas de 1580, documento central do luteranismo e da Ielb, são também chamadas de “livros simbólicos”, denotando que a simbolização luterana passa pela sistematiza-

³ S. Brent Plate (2002, p. 21): “Representation, as the term indicates, entails that an original ‘presence’ is in turn ‘re-presented’ in another realm [...] [and] re-presentation always involves an alteration of the original”.

⁴ “When [...] I use the term ‘response’ I refer – broadly – to the symptoms of the relationship between image and beholder [...] I will consider the active, outwardly markable responses of beholders, as well as the beliefs (insofar as they are capable of being recorded) that motivate them to specific actions and behavior. But such a view of response is predicated on the efficacy and the effectiveness (imputed or otherwise) of images”.

ção dogmática.⁵ De alguma forma, então, o sagrado está presente, ou representado, tanto nas imagens quanto nos textos que analisaremos. As imagens e textos são o *locus* do espírito, seu lugar comum (Freedberg, 1989, p. 28, 31 e 37). Nesse sentido, se existem crenças sistematizadas, certos conteúdos já estão prescritos, o que não significa que sejam estáticos ou imutáveis. Ao contrário, as informações advindas do mundo exterior às imagens e textos não são excluídas, mas filtradas pelas convenções sociais, o que confere a dinâmica do processo e abre espaço para a mudança social e cultural (Burke, 2001, p. 184; Ortner, 1984, p. 158).

A argumentação, não é demais lembrar, é minha, uma das tantas possíveis, e carregada das idiossincrasias de um observador nativo crítico de sua própria tribo. Como, porém, diz E. de Jongh (1991, p. 133), uma intuição treinada pode [tentar, eu diria] resolver os problemas hermenêuticos, mas tal premissa não deve substituir a convicção de que “em matéria de interpretação o céu é o limite”.⁶

Confessionalismo luterano ortodoxo no Brasil e a Ielb

O luteranismo veio ao Brasil com os imigrantes alemães, principalmente no século 19, a partir de 1824. Atualmente, as organizações mais expressivas que representam o luteranismo no país são a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (Ieclb), que conta com cerca de 800 mil membros, e a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (Ielb), com perto de 200 mil (Gertz, 2005, p. 10).

A Ielb é fruto direto da emigração da Alemanha para o Brasil, tendo sido fundada em 1950 pela união do Sínodo Riograndense (criado em 1886) a outros três sínodos luterano-alemães. Tal processo conferiu ao grupo um caráter deveras plural, uma vez que existiam entre eles luteranos e calvinistas

⁵ As Confissões Luteranas estão agrupadas no *Livro de Concórdia* de 1580: os três Credos Ecumênicos, a Confissão de Augsburg (1530), a Apologia da Confissão de Augsburg (1530), os Artigos de Esmalcalde (1537), o Catecismo Menor (1529), o Catecismo Maior (1529) e a Fórmula de Concórdia (1577).

⁶ “I regard myself as one of those who feel that hermeneutic problems, like problems of connoisseurship, must frequently be solved by what should probably be called trained intuition. But this premise should not charter the belief that in matters of interpretation the sky is the limit”.

e que entre seus pastores encontravam-se tanto aqueles que tinham recebido um tipo de formação teológica mais moderna e liberal nas universidades, quanto os que haviam sido educados em academias de missão em um viés mais evangelístico (ver, p. ex., Prien, 2001).

A Ielb, por sua vez, foi o resultado das atividades de um único sínodo teuto-estadunidense, o *Deutschen Evangelisch-Lutherischen Synode von Missouri, Ohio und andern Staaten* (Sínodo Evangélico Luterano Alemão de Missouri, Ohio e outros Estados), fundado em 1847, atualmente conhecido como *The Lutheran Church – Missouri Synod* (A Igreja Luterana – Sínodo de Missouri). Em 1900, sabendo da presença de outros alemães luteranos no sul do Brasil, o Sínodo de Missouri passou a enviar missionários a fim de assistir espiritualmente a tais imigrantes. Dessa atividade surgiu, em 1904, o 15º Distrito do Sínodo de Missouri, que se tornou, em 1920, “Sínodo Evangélico Luterano do Brasil” e, em 1954, “Igreja Evangélica Luterana do Brasil” (p. ex., Steyer, 1999).

Durante sua história, a Ielb manteve sempre fortes ligações com o Sínodo de Missouri, a quem chamavam de “igreja mãe”. Desta, herdaram um sistema de crenças que chamo de *confessionalismo luterano ortodoxo*: a religião na qual um firme zelo pelas crenças grupais oficialmente aceitas converge sobre as Confissões Luteranas de 1580, compreendidas como a única clara e correta interpretação da Bíblia. Trata-se de um modo de praticar o luteranismo confessional em moldes ortodoxos (ver McConnell, 2001; Marty, 2001). A terminologia nos auxilia a distinguir alguns traços que se mostram constantes na Ielb, como sua preocupação última com a unidade ao redor de uma doutrina entendida como correta e inegociável, porque revelada por Deus, assim como o praticar e confessar claro e explícito dessa doutrina como principal filtro social e quesito de pertença individual e grupal.

O coração do sistema religioso do confessionalismo da Ielb é a crença que o ser humano é salvo somente pela fé por meio de Jesus, e não por qualquer tipo de boas obras. A salvação eterna, nessa visão, é fruto exclusivo da graça e compaixão de Deus, ao passo que as obras tornam-se uma consequência da vida cristã, não uma necessidade para alcançar a Deus. De acordo com tal concepção, é Deus quem vem aos homens, e não os homens que a ele chegam. A sustentação dessas crenças é, por sua vez, garantida pelo entendimento da Bíblia como revelação direta de Deus, sua palavra inspirada e infa-

lível, a qual foi exposta corretamente apenas nas Confissões Luteranas. Em tais crenças não são admitidas alterações de nenhum tipo (www.ielb.org.br, em 10 ago. 2005).

Tais concepções religiosas não são, porém, novas e podem ser encontradas já em Lutero, no século 16. De fato, o modo como os luteranos constroem a memória de seu líder carismático faz dele uma figura central na constituição das identidades grupais e individuais. Dizer-se luterano, diferentemente de dizer-se católico, assembleiano, presbiteriano, umbandista ou batista, constitui uma identidade que principia por atrelar-se ao próprio fundador do movimento, figura central da reforma alemã: Martinho Lutero.⁷

Talvez a “rosa de Lutero” seja uma interessante imagem (2) para começarmos, uma vez que o próprio reformador a criou e explicou. A imagem e o texto abaixo estão publicados no site oficial da Ielb.



Imagem 2: (<http://www.ielb.org.br/recursos/rosa.htm>, 10/08/2005)

Sobre a rosa, explica Lutero:

Primeiro, deve haver uma cruz preta dentro de um coração – o qual retém a sua cor natural – para que eu seja lembrado que a fé no Crucificado nos salva. Pois quem crê de coração será justificado (Romanos 10.10). Embora seja uma cruz preta, que mortifica e que também deve causar dor, ela deixa o coração em sua cor natural. Ela não corrompe a natureza, isto é, ela não mata, mas mantém vivo. “O justo viverá por fé” (Romanos 1.17), mas pela fé no Crucificado.

Tal coração deve estar no meio de uma rosa branca, para mostrar que a fé dá alegria, conforto e paz. Em outras palavras, ela coloca o crente em uma rosa branca, de alegria, pois esta fé não dá paz e alegria como o mundo dá (João 14.27). É por

⁷ Ver, p. ex., para as relações entre identidade e memória, Pollak (1992).

isso que a rosa deve ser branca, e não vermelha, pois o branco é a cor dos espíritos e dos anjos (conforme Mateus 28.3; João 20.12).

Tal rosa deve estar numa área de azul celeste, simbolizando que tal alegria em espírito e fé é o começo da futura alegria celestial, que já começa, mas é obtida em esperança, pois ainda não é revelada.

Ao redor dessa área está um círculo dourado, simbolizando que tal bênção no céu dura para sempre; é sem fim. Tal bênção vai além de toda a alegria e bens, assim como o ouro é o melhor metal, o mais valioso e precioso.

Este é o meu *compendium theologiae* [o sumário da teologia]...

(<http://www.ielb.org.br/recursos/rosa.htm>, em 10/08/2005)

A imagem criada por Lutero continua sendo um lugar importante de convergência identitária entre luteranos no mundo todo, dada sua capacidade de síntese das crenças luteranas. Exemplo disso é o logotipo da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra) (imagem 3), vinculada à Ielb – em 2001, a quarta entre todas as universidades do país em número de alunos e a terceira entre as particulares (Folha de S. Paulo apud Gertz, 2005, p. 10). A imagem é exemplar dos modos pelos quais uma ortodoxia pode ser designed e redesigned (Stolow, 2005) e de como antigos conteúdos em formas novas embasam identidades grupais.



Imagem 3 (<http://www.ulbra.tche.br/~assis/imagens/logo-ulbra.png>, 15/08/2005)

Como sabemos, contudo, a partir dos desenvolvimentos das ciências da cultura, identidades não são entendimentos bem acabados, sólidos e imutáveis de si e do mundo, mas constituem-se em processos de negociação de caráter provisório. São identidades múltiplas grupais e individuais. A despeito da busca de coerência e completude nos discursos, encontraremos nos

processos sociais a confecção de identidades diversas e concomitantes. Encontraremos, também, diferentes vozes, manifestações polifônicas, tanto sincrônica quanto diacronicamente, produtos dos contextos complexos de associações e experiências diversas (Marcus, 1994, p. 48-49; Ewing, 1990).

Alemães confessionais luteranos: Lutero na Ielb das Guerras Mundiais

A primeira metade do século 20, em função da I e da II Guerras Mundiais, colocou a Ielb, que era então o Distrito Brasileiro do Sínodo de Missouri, em situações conflituosas relacionadas à sua etnicidade. Podemos destacar dois fatores centrais no conflito: (1) a proibição do idioma alemão e (2) a discriminação sofrida pelos imigrantes alemães em meio à sociedade brasileira.

Identidades étnicas são definidas em relação à construção de fronteiras: um “eu coletivo” define-se pela aceitação ou negação de um “outro coletivo” (Poutignat e Streiff-Fenart, 1998, p. 123-124). Apesar de a Ielb ter-se definido desde o princípio mais em termos doutrinários que étnicos, para “os outros” eles eram alemães. E tratava-se, de fato, de um grupo de teuto-imigrantes que falavam alemão, pregavam e escreviam em alemão e carregavam sobrenomes alemães.

Quando, em 1917, o Brasil entrou oficialmente na I Guerra ao lado das forças aliadas, o uso do idioma alemão foi proibido, escolas alemãs foram fechadas e a comunidade teuta passou a sofrer represálias por parte do governo e da sociedade brasileira (Gertz, 1991, p. 13ss; Rehfeldt, 2003, p. 89-92). Como também as publicações em alemão foram proibidas, o 15º Distrito teve de encerrar as atividades de seu periódico oficial, o *Evangelish-Lutherisches Kirchenblatt fuer Suedamerika* (Folha da Igreja Evangélica Luterana para a América Latina), e dar início ao *Messageiro Christão*, que pouco tempo depois passaria a ser chamado de *Messageiro Luterano*, publicado até os dias de hoje como órgão oficial de comunicação da Ielb.

Nesse periódico, em tom de oficialidade, diversas declarações foram realizadas a fim de tornar claro que o Distrito Brasileiro não tinha e nem queria ter nada em comum nem com as intenções do Império Alemão, nem com o outro grupo protestante em atividade no estado, o Sínodo Riograndense, que mantinha uma identidade étnica alemã mais definida. Nesse esforço, os líde-

res do Distrito afirmaram recorrentemente que o objetivo de seu trabalho no Brasil era eminentemente missionário: pregar a palavra de Deus, corretamente interpretada de acordo com os princípios confessionais.⁸ Como revela a declaração e o pedido do Rev. Emil Muller, então presidente do Distrito Brasileiro, salientando o motivo e a necessidade do estudo do idioma português:

A vernacula.

Sendo limitado pelo governo o ensino allemão na escola particular a só uma hora por dia, peço aos pastores e professores mais uma vez a lidarem aplicadissimos no estudo da lingua vernacula. A santa causa do nosso querido Senhor Jesus Christo não deve, não pode soffrer encurtamento pelo referido decreto governamental. Por conseguinte é preciso que conformamo-nos com esta medida, a qual sentimos muito severa [sic] (*Mensageiro Christão*, n. 2, 15 jan. 1918, p. 2).

O objetivo missionário fica claro. O que se quer com o idioma português é possibilitar a pregação do evangelho, da boa nova. Assim, o grupo “procurava difundir o português e compreendia o alemão como instrumento de difusão do Evangelho, nunca como um fim ou uma tarefa da Igreja” (Gertz, 1991, p. 36). Ao governo, por outro lado, devia-se respeito, conforme a tradicional interpretação luterana de Romanos 13.1-7, segundo a qual a ordem temporal existente procede sempre de Deus. Nesse entendimento, a “necessidade de controle autoritário se baseia na pecaminosidade humana. Para combatê-la, Deus é obrigado a agir com a ajuda de leis e mandamentos rigorosos” (Duchrow, 1987, p. 18).

Nesse contexto, a partir de julho de 1918, já quando a proibição do idioma alemão estava sendo gradualmente suspensa, o Mensageiro passaria a trazer no cabeçalho uma ilustração de Lutero entre duas paisagens. Uma era européia, sombria, com casas de telhados grandes e torres; a outra brasileira, espaço ensolarado, amplo e sem construções humanas, somente a natureza, lugar para onde deveria ser levada a mensagem luterana (imagem 4). A explicação da ilustração anunciava Lutero em sua mocidade: “a fisionomia de um reformador”. E, enquanto à direita aparecia o castelo de Wartburg, onde Lutero traduziu a Bíblia,

à esquerda, que bellissima paisagem! Até aqui veiu o evangelho! Trazido pelos apóstolos, pelos ministros. O caminho está aberto! Atraz dos coqueiros, onde os

⁸ Para uma descrição mais detalhada desse processo, ver Huff Júnior (2005).

montes se estendem, nasce o sol. Nos pés dos montes correm as águas cristalizadas e nos matos os passaros cantam. Eis o solo bemdito do Brasil! Nesta terra, os ministros de Deus, tem um vasto território para trabalhar, para predicar o evangelho [sic].



Imagem 4 (*Mensageiro Luterano*, 1 fev. 1919, p. 1)

O autor finaliza citando a passagem bíblica de Apocalipse 14.6, que também constava no cabeçalho: “Vi outro anjo voando pelo meio do céu, tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, e a cada nação, e tribo, e língua, e povo” (*Mensageiro Luterano*, 15 jun. 1918, n. 10 e 1 jul. 1918, n. 11). A mensagem do 15º Distrito era a luz para os gentios, única possibilidade de salvação aos perdidos desta vasta e bela terra, caminho amplo e aberto para o luteranismo confessional. Lutero, por sua vez, era ao mesmo tempo a bandeira da igreja e a ponte entre a Europa e o Brasil. Sua figura embasava um *ethos* de cunho eminentemente religioso ao grupo encarregado da preservação de sua mensagem em terras brasileiras.

Outro aspecto interessante nessa imagem é o Brasil aparecer figurado como um espaço vazio de pessoas e construções humanas, somente a natureza. A representação denota a idéia de um grupo de imigrantes que vem para ocupar um espaço sem precedentes em uma terra de ninguém. Poderíamos dizer, de acordo com Marjo de Theije (2002, p. 69 e 72), que se trata de uma ideologia religiosa oficial em “campanha cultural”: “ações específicas voltadas para a mudança da ideologia pública [...] [d]os sentimentos e [d]as práticas do povo”. Nesse contexto, as “representações simbólicas oficiais da reali-

dade [como no caso das imagens aqui analisadas] [...] são uma descrição excepcionalmente adequada das metas e dos objetivos dos especialistas religiosos”. O rosto à frente da campanha era o do próprio Lutero e a I Guerra Mundial viria reforçar a identidade que se articula com esse imaginário.

Logo após a I Guerra, superadas as dificuldades, o Distrito Brasileiro pôde retomar suas atividades com relativa tranqüilidade. Quando, porém, o Estado Novo foi declarado por Getúlio Vargas, em 1937, o então já Sínodo Evangélico Luterano do Brasil começou a experimentar um novo período de dificuldades que duraria até o final da II Guerra Mundial. A partir de então, com o país em estado de sítio, imprensa e correio foram censurados e instaurou-se uma polícia social e política. O mote governamental era a nacionalização, e o único idioma permitido o português. Muitas escolas dos missourianos foram fechadas porque os pastores ou professores não eram brasileiros de nascimento (Rehfeldt, 2003, p. 139-141).

Quando o Brasil declarou guerra à Alemanha, em agosto de 1942, a situação agravou-se ainda mais. Os missourianos sofreram agressões, igrejas foram invadidas e pastores foram presos por haverem nascido na Alemanha ou por suspeita de atividade pró-nazista, como no caso do rev. August Heine, então presidente do Sínodo (idem, p. 141-146).

Em outubro de 1943, mês de comemoração da Reforma Luterana (dia 31), o Mensageiro trouxe em sua capa o título “Lutero, um sinal contraditado”, com um texto escrito pelo pastor Rodolfo Hasse, então presidente do Sínodo (1942-1957), diretor e redator-chefe da revista. Nesse texto, Hasse fez uma conexão direta entre o Sínodo, Lutero e Jesus Cristo, afirmando que estes eram sinais contraditados “porque ensinam o Evangelho do Cristo da Bíblia sem reticências e sem acréscimos”. O pastor retrata Lutero como o ousado e intrépido defensor da verdade que enfrentou bravamente o Papa, Roma e todo seu poder, os quais “tinham de contraditar Lutero. E o hão de contraditar enquanto forem o que são”. Também Erasmo de Rotterdam foi citado por Hasse como tendo se unido covardemente ao Papa contra Lutero, “como Herodes e Pilatos contra Cristo”. O autor segue atacando Roma ancorado no vitorioso Lutero, cuja mensagem continuava viva e verdadeira nas atividades de sua igreja.

O parágrafo final do texto vale ser citado. Nele, Hasse faz referência aos luteranos que, em função de problemas de intervenção estatal em assuntos

relativos à igreja, emigraram da saxônia em meados do século 19, fundando, nos Estados Unidos, o Sínodo de Missouri:

Aqueles que ignoram os fatos ou os ocultam premeditadamente, lembramos que faz um século a fiel Igreja Luterana, acossada pelos poderes seculares, emigrou de seu berço por motivos de consciência para a América e Austrália livres. Lembramos-lhes que em todas as armas das nações unidas combatem muitos milhares de bons luteranos, lealíssimos aos seus governos e acompanhados por centenas de capelães luteranos, sobre quem jamais caíu a mais leve sombra de suspeita, altamente conceituados pelas autoridades militares. Lembramos-lhes ainda que acima de 6 milhões de cidadãos americanos são luteranos sendo representados no Senado Americano, na chefia de vários Estados daquele país e em outros postos de alta responsabilidade. Lembramos-lhes, efim, que as nações anglosaxônicas descendem da tribo do saxão Lutero! [sic]

Nada, pois, de mistificações! (*Mensageiro Luterano*, out. 1943, p. 73 e 76).

De um modo geral, as declarações no Mensageiro sobre as relações entre igreja e estado foram mais numerosas e mais claras na Primeira que na Segunda Guerra Mundial. O motivo principal creio ter sido a força da censura e da repressão durante a era Vargas. Ainda assim, as declarações de Hasse revelam a posição do Sínodo e a briga por espaço levada adiante oficialmente por seu presidente. Diante da censura e das represálias, o que Hasse está afirmando é: “Somos uma igreja, e ligada diretamente a Lutero e a Jesus”. “Somos, além disso, uma igreja luterana estadunidense, e não alemã, e nosso objetivo é a pregação do evangelho da verdade”. Por fim, a memória de Lutero, o intrépido herói da fé, é evocada como sendo ele também o pai das nações anglo-saxônicas – leia-se, das nações às quais o Brasil se aliara contra as forças do terceiro *Reich*. Para as lideranças da Ielb, o estado não deveria interferir em questões religiosas, nem a igreja em questões estatais. Sua interpretação da doutrina luterana dos *Dois Reinos* sustentava dois estamentos, um secular, outro espiritual, tendo cada qual suas especificidades e não devendo ser confundidos.⁹ De uma maneira geral, foi esse o modo de aproximação religiosa do mundo social oficialmente levado a cabo pelos líderes da Ielb durante as Guerras Mundiais.

⁹ Sobre a questão dos dois reinos ver, p. ex., Huff Júnior (2003).

Uma outra conjuntura: Lutero, a Ielb e o Regime Militar

A nova organização social e política mundial advinda com o pós-Guerra, a Guerra Fria, a expansão estadunidense, a ditadura militar brasileira (1964-1985) apresentaram aos representantes do confessionalismo luterano ortodoxo no Brasil novas situações, novos problemas, novas questões diante das quais houveram de se posicionar e, para isso, de re-visitarem suas tradições, sua estrutura espiritual, sua história e suas memórias de Lutero.

A realidade dos missourianos no Brasil àquela época já não era mais a mesma do começo do século 20. Os processos de urbanização e industrialização trouxeram conseqüências também para dentro das igrejas. A inserção do país no sistema capitalista, a expansão dos meios de comunicação de massa, o acesso à educação básica e universitária, enfim, as políticas da modernidade, apresentavam novos desafios ao grupo, que então já se chamava Igreja Evangélica Luterana do Brasil, treinava praticamente 100% de seu clero no Brasil e expandira-se para outros estados da federação.

A cultura visual acerca de Lutero na época, facilitada pelas novas tecnologias de impressão, mostrava o mesmo homem forte e intrépido, que segurava a Bíblia junto ao peito (Imagem 5), ou afixava corajosamente suas “95 teses” à porta da Igreja de Wittenberg (Imagem 6). Como veremos, porém, novos conteúdos seriam projetados sobre essas imagens.



Imagem 5
(*Mensagem Luterano*,
jun. 1967, p. 9)



Imagem 6
(*Mensagem Luterano*,
out. 1972, p. 7)

Em outubro de 1967, 450º aniversário da Reforma Luterana, o rev. Leopoldo Heimann, então editor do Mensageiro, no editorial intitulado “Lutero, homem cheio de fé e do Espírito Santo”, declarou:

Épocas excepcionais exigem homens cheios de fé, de convicção, de coragem, do Espírito Santo. Noé foi o homem para a época diluviana. Abraão, Isaque e Jacó foram os homens na época patriarcal. Esdras e Neemias foram os homens na época do cativo babilônico. João Batista foi o homem no alvorecer do cristianismo. Pedro, João, Paulo foram os homens nos primeiros anos da igreja cristã. LUTERO foi o homem cheio de fé e do Espírito Santo que Deus despertou na Idade Média para defender, lavar, reformar e purificar a igreja que se encontrava mergulhada e saturada por enganos e preceitos humanos.

Despido de orgulho e egoísmo, revestido de poder, fé e do Espírito Santo, Lutero tornou-se verdadeiro embaixador de Cristo, destemido pregador do evangelho, vigoroso escritor sacro, corajoso reformador da igreja, consciencioso pastor de almas enfermas e famintas. Dizendo com o apóstolo Paulo “o meu viver é Cristo, e o morrer é lucro”, Lutero repugnou todo o formalismo religioso exterior e se preocupou em colocar nos púlpitos e nos corações dos pecadores a mensagem central do cristianismo: Cristo, o caminho, a verdade e a vida (*Mensageiro Luterano*, out. 1967, p. 5).

As imagens e memórias suscitadas são semelhantes às anteriores. Heimann, entretanto, refere-se a uma história e a uma ascendência espiritual de tempo ainda mais longo que aquela a qual Hasse referira-se. Suas imagens começam com Noé, passam por todo o Antigo e o Novo Testamento e terminam em Lutero, de cuja doutrina a Ielb, com seus intrépidos e abnegados pregadores, era a guardiã no Brasil: a “verdadeira fé” contra qualquer tipo de “formalismo”.

Nessa mesma edição, o então presidente da Ielb, pastor Elmer Reimnitz, rememorou o colóquio promovido em Marburgo, em 1529, o qual teve entre suas figuras principais Lutero e Zwinglio, predecessor de Calvino na Reforma suíça. No colóquio, que tinha o objetivo de evitar um rompimento na frente reformista, precisaram discutir a controversa questão da presença de Cristo na Santa Ceia. Relativamente a esta, enquanto Lutero sustentava que “isto é o meu corpo” quer dizer que o corpo e o sangue de Cristo *estão* realmente presentes à Ceia, Zwinglio acreditava que o pão e o vinho apenas *significam* a presença de Cristo na mesma. Diante da desavença, após três dias de tentativas, Lutero deu por encerrado o debate dirigindo-se ao outro reformador com um rotundo “tendes um outro espírito que o nosso”. Reimnitz,

por sua vez, reafirmando a vocação confessional da Ielb contra as falsas doutrinas, encerra o texto conclamando: “Irmãos luteranos, continuamos em Marburgo!” São fronteiras claramente construídas em relação tanto ao catolicismo quanto a outros grupos protestantes calvinistas ou “liberais”, como era considerada, por exemplo, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (Ieclb).

Dois anos depois disso, contudo, em 1969, quando o Brasil estava prestes a entrar em um dos períodos mais duros da ditadura militar com o Ato Institucional nº 5 (AI-5), foram publicadas algumas opiniões de pastores e professores ressaltando diferentes facetas do reformador: Lutero e a educação; Lutero, o teólogo; Lutero, o reformador; Lutero e a igreja; Lutero e a Bíblia; Lutero e a música; e Lutero, o pastor. Nessa reveladora matéria, sob o título “Lutero, êste homem de Deus”, podem ser percebidas entre as antigas memórias novas construções da imagem do monge saxão, especialmente no tangente à educação e à igreja. Restringir-me-ei às novidades.

O pastor e professor Donaldo Schüler, que foi também professor dos departamentos de letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, responsável sobre o tema “Lutero e a educação” afirmou: “O interesse central da atividade de Lutero foi o preparo do homem para a eternidade; mas Lutero não descuidava a vida bem-sucedida do homem aqui. Incentivava os pais a dar aos filhos uma instrução adequada a fim de serem homens úteis à sociedade”. Schüler finaliza atestando que: “Lutero, nos ideais de educação, foi revolucionário. Na Idade Média o homem era educado para a igreja, agora esta ênfase está no indivíduo, o homem deveria ser educado para si mesmo. A educação deveria levar o homem a uma vida individual e responsável” (*Mensageiro Luterano*, out. 1969, p. 8).

Como pessoa do meio universitário, versado em cultura e literatura gregas, Schüler acrescentava à discussão conceitos como o de “revolução” e a distinção entre Idade Média e Idade Moderna. Ao que parece, uma certa “preocupação existencial”, com pitadas de modernidade, antes inexistente, começava a aparecer nas penas dos escritores ielbianos e em suas memórias do reformador. Havia pouco mais de 20 anos que um certo número de pasto-

res da Ielb passara a ter acesso aos meios universitários brasileiros externos à igreja. As conseqüências estavam já sendo sentidas.¹⁰

O responsável pelo assunto “Lutero e a igreja” foi o pastor e professor Arnaldo Schmidt, também bacharel em filosofia além de teólogo, 1º vice-presidente da Ielb (1960-1963), presidente (1963-1966) e reitor do Seminário Concórdia (1962-1973). Após frisar que a primeira intenção de Lutero não era deixar a Igreja Católica Romana, mas reformá-la, e que esta era a “sua igreja, à qual se sentia pertence”, Schmidt afirma:

É verdade que Lutero designa a Igreja Romana de “falsa” e considera a igreja de fé reformatória de “verdadeira”. Isso, porém, não levou a reivindicar exclusivamente para si o evangelho e a fé verdadeira. Assim como se encontram a palavra de Deus e a fé verdadeira na igreja “falsa”, a igreja reformatória também tem mestres e membros que não pertencem à igreja “verdadeira” [...] Para Lutero, igreja abrange todos aqueles que estão “em Cristo” pela fé. As igrejas da Reforma não constituem igrejas “novas”, mas são a igreja antiga. Com a Reforma não houve ruptura na igreja cristã, que é a comunhão dos santos (Mensageiro Luteroano, outubro de 1969, p. 9-10).

Mesmo que o conceito de ecumenismo não estivesse ainda claramente presente nas declarações dos escritores da Ielb, conceito contra o qual alguns escreveriam duramente em anos posteriores, percebe-se que o pastor Schmidt relativiza em larga medida a visão corrente de que a Ielb tinha consigo a única verdade e o único caminho para a salvação. O pastor finaliza seu pronunciamento com nota pontuando que os pensamentos apresentados haviam sido extraídos do livro *Lutero e Luteranismo Hoje*, da editora católica Vozes, publicado em 1969.

O mundo havia mudado. A Ielb deixava de ser uma igreja rural de imigrantes. O português era agora o idioma corrente. Seus pastores começavam a respirar ares universitários. As questões que se lhes apresentavam já eram outras. Também as memórias de Lutero começavam a ser revisadas. Não se pode, porém, sustentar a linearidade desse processo. O “velho” Lutero, o arauto da verdade bíblica, não se tornaria de um dia para o outro um teólogo

¹⁰ De acordo com os dados de Carlos Warth (1979, p. 280), o primeiro pastor da Ielb a receber um grau acadêmico fora da teologia foi o rev. Otacilio Schüler, formado pelo Seminário Concórdia (1921), licenciado em farmacologia (1935), bacharel em filosofia (1940) e em jurisprudência (1950).

da libertação. Suas memórias estavam atreladas fortemente à mensagem do Cristo na cruz (imagem 7).

Na foto, o “alfa” e o “ômega” representam a idéia de que Cristo é o princípio e o fim de todas as coisas, conforme a tradição bíblica. Lutero, por sua vez, era, como antes, o fator de convergência do correto ensino de Jesus e da verdadeira palavra de Deus, da qual a Ielb era a portadora.



Imagem 7 (*Mensageiro Luterano*, out. 1971, p. 9)

A questão política: Lutero, a Ielb e o pós-ditadura militar

A violência das ditaduras militares latino-americanas sob a égide dos Estados Unidos durante a Guerra Fria é bem conhecida. No Brasil, ao final do regime militar, experimentou-se um processo de redemocratização – se é que se pode fazer uso adequado do prefixo “re” nesse caso. Naquele contexto, em meio à luta pelo poder da República, a corrupção veio à tona e uma crise econômica e política instalou-se firmemente.

No ano de 1985, na esteira desses fatos, Astomiro Romais, redator-chefe do *Mensageiro*, escreveu em editorial: “Nosso País aloja um festival de corrupções [...] Parece que hoje, mais do que nunca, as autoridades esquecem, segundo as palavras de Lutero, que ‘têm obrigação de promover o bem de seus súditos, proteger os inocentes e *coibir a injustiça*’ (Carta a Carlos V e à

Nobreza Alemã)” (*Mensageiro Luterano*, ago. 1985, n. 9, p. 3 [grifo no original]).

A declaração de Romais, diferentemente das de seus antecessores na redação do *Mensageiro*, revela uma apropriação ainda mais diferenciada de Lutero – em texto endereçado a ninguém menos que o Imperador do Sacro Império Romano Germânico. Romais constrói a memória de um Lutero crítico das autoridades, ao passo que o que se vira até então mais presentemente era o uso da memória do reformador para suscitar pregação da palavra de Deus para a salvação das almas. Ainda que sutilmente, a liderança da Ielb passava a manifestar-se também sobre “coisas deste mundo”. Lutero era ainda o guardião da verdade, como o vemos no selo produzido para seu V Centenário (imagem 8), porém novos conteúdos estavam sendo acrescentados às suas antigas memórias e imagens.



Imagem 8

(<http://www.oselo.com.br/loja/images/C1312.JPG>, 17/08/2005)

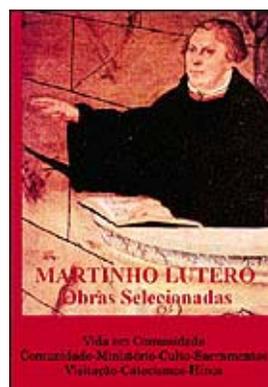


Imagem 9

(http://www.lutero.com.br/obras_de_lutero.htm, 15/08/05)

A produção do selo que mostrava Lutero, a Bíblia e a rosa foi um momento significativo para o luteranismo brasileiro. Uma semelhante idéia do reformador foi representada alguns anos mais tarde na capa das *Obras Seleccionadas de Lutero* (Imagem 9). A novidade era que as “Obras”, publicadas a partir de 1987, eram um esforço conjunto feito entre a Ielb e a Ieclb, sua

antiga concorrente. Mesmas imagens, novos contextos, novos conteúdos. Apesar das diferenças históricas, Ielb e Ieclb conseguiram aproximar-se ao redor da imagem e das idéias de Lutero.

Visão interessante foi também apresentada em outubro de 1985 pelo rev. Werner K. Wadewitz, então vinculado ao Sínodo de Missouri, mas que havia trabalhado como pastor da Ielb por 20 anos e atuava por um breve período como professor visitante no Seminário Concórdia. Sob o título “Lutero – homem do povo”, escreve Wadewitz: “Lutero – homem do povo? Sim, em todo sentido, **do** povo, **pelo** povo, **para** o povo, para seu povo também, pois Lutero se sentiu muito cidadão de seu povo, de sua nação, de sua realidade política” (*Mensagem Luterano*, out. 1985, p. 11 [grifo no original]).

É curioso notar, primeiramente, que o autor liga Lutero à sua “nação” e seu “povo”, ainda que conceitos como “nação” e “nacionalidade” tenham surgido somente alguns séculos após a Reforma. Pertença nacional, fica claro, era uma questão não de Lutero, mas de Wadewitz e de sua “comunidade imaginada”, como diria Anderson (1997, p. 43-45). Passava-se assim, em função de questões atuais, a imaginar Lutero articulado a novos conteúdos.

Alguns anos depois, em outubro de 1990, foi então um leigo, o jornalista e publicitário Décio Dalke, que escreveu sobre a mesma faceta do reformador. Sob o título “Lutero e o poder”, afirmou Dalke: “Pensam muitos que a oposição sofrida por Lutero em seu tempo deva ser atribuída apenas a divergências doutrinárias. É importante, porém, ressaltar a enormidade de empecilhos colocados no caminho do Reformador por homens interessados em cargos, dinheiro e poder” (*Mensagem Luterano*, out. 1990, p. 8). O autor afirma que Lutero “mexeu no abelheiro” sem querer e também que não era sua intenção abandonar Roma, mas que terminou por incomodar os poderosos. Dalke finaliza escrevendo sobre o duelo entre poder e religião e cita Lutero:

Mas Lutero não era um sonhador nem pretendeu reformar o mundo. Ele sabia que: “Não é com razão que essa gente tem medo da reforma e de um concílio livre, e que procuram atizar todos os reis e príncipes uns contra os outros, para que jamais aconteça que a sua unidade leve a um concílio? Quem haverá de tolerar que essa sua patifaria venha à luz do dia?” (*Mensagem Luterano*, out. 1990, p. 8).

O turbulento contexto da redemocratização brasileira colocou em pauta para os líderes da Ielb as relações entre política e poder. Desafiada pelas novas conjunturas, a oficialidade da igreja passou a buscar em sua tradição e

memórias significados que pudessem responder às novas questões. Nesse caminho, os registros de vida e obra de Lutero, bem como seus escritos, permitiram aos ielbianos “ver” em Lutero também um homem que se envolvera em política.

No entanto, na página seguinte da mesma edição publicou-se o texto “Lutero, também um ‘homem do qual o mundo não era digno’”, do pastor Nivaldo Garcia. No mesmo espírito do “sinal contraditado” de Hasse, Garcia, a partir do texto bíblico de Hebreus 11.38, afirma que as testemunhas de Deus, os heróis da fé, os verdadeiros dignitários da terra, por terem dado um outro rumo ao curso normal de sua vida, enfrentando perigos e sofrimentos, tornaram-se indignos do mundo, mas colheram “o que é eterno e glorioso, a vida eterna”. Conforme o pastor, Lutero foi desses extraordinários. Escreve ele que, “como os heróis e Cristo, Lutero viveu num contexto de crise, idolatria e decadência moral”, no qual foi escolhido e ao qual foi enviado. “Como os heróis e Cristo, Lutero não ignorou a pérola que encontrou, [... mas] compartilhou com o Israel de Deus as riquezas encontradas”, dando início à Reforma com as 95 teses. Por isso, “como os heróis e Cristo, Lutero foi questionado, barrado, rejeitado e perseguido”, além de ser vitimado pelas distorções dos que queriam neutralizar a Reforma. Segundo Garcia, “ainda hoje e para inúmeras pessoas o Salvador Jesus Cristo nada mais é do que um mero idealista. Com relação a Lutero aconteceu a mesma coisa”. O reformador, contudo, “como os heróis e Cristo”:

[...] teve um remanescente fiel, imediato e contínuo, que cedeu aos ensinamentos, defendendo-os corajosamente e vivendo por eles. Como reflexo do que acontecera e acontece com Cristo, em que ramos da videira verdadeira cresceram e frutificaram (João 15.5), [...] muitos empunharam, com força, coragem e convicção, a bandeira da verdade restaurada pela Reforma, não abrindo mão dela sob hipótese alguma.

Como cristãos e luteranos, tanto num como noutro caso, somos um remanescente de continuidade [...] Como heróis da fé, “corramos com perseverança a carreira que nos está proposta” (Hebreus 12.1), testemunhando e vivendo pelo evangelho, pela graça e pela fé em Cristo. À sua semelhança, isto nos fará indignos do mundo, mas herdeiros da glória eterna. Que Deus nos ajude! (*Mensageiro Luterano*, out. 1990, p. 9-10).

Há nas palavras do pastor uma distinção entre o “mundo”, passageiro e pecaminoso, e a “igreja”, desterrada no mundo, mas fiel testemunha das ver-

dades de Deus, a qual aguarda seu momento para entrar triunfantemente na glória eterna. Nos significados atrelados a esse modelo de religiosidade, a preocupação com uma inserção política consciente “no mundo” não tem grande espaço. O papel da igreja, numa espécie de despatriamento terreno, é o da pregação do evangelho puro para a salvação das almas. A igreja é enviada ao mundo, mas o mundo não é digno da igreja. A crença básica que sustenta as afirmações de Garcia está também expressa num hino bem conhecido entre os Luteranos da Ielb: “Estamos no mundo, mas dele não somos/ aqui nós vivemos distantes do lar/ A nossa morada de paz se reveste/ a pátria celeste é o nosso lugar” (*Hinário Luterano*, hino 389).

Os discursos e imagens continuariam “cambiando” durante a última década do século 20, ora mais para o “céu”, ora mais para a “terra”, como atesta o tema do mensageiro de setembro de 1992, “Resgate da honestidade e da ética”. A edição trouxe como matéria de capa o texto “Lutero sobre a honestidade”, nas palavras do próprio reformador:

O furto é o ofício mais desenvolvido, e seus adeptos constituem a maior agremiação do mundo. Se se quiser ir percorrendo um a um dos diversos estados que existem, perceber-se-á que o mundo é como um vasto estábulo, imenso, cheio de ladrões de grande porte. São chamados de ladrões entronizados, ou salteadores do país e de estradas, ao invés de arrombadores de armários e baús, ou ladrões de bolsas, porque ocupam um alto posto, ostentam títulos de grandes barões ou fidalgos, mostram aparência de piedade e honradez, e sob esta aparência, furtam o quanto podem.

A este respeito seria preferível nem sequer mencionar os ladrões de pouca monta, e sim atacar abertamente os grandes ladrões e arquiladrões, que diariamente estão roubando não uma ou duas cidades, mas sim o país inteiro. [...]

Como de costume, não é aos bons cristãos a quem devemos predicá-lo, e sim aos malvados e velhacos, cujo maior pregador seria o juiz, o carcereiro, ou o verdugo. Saiba pois cada um, que está obrigado, sob pena de atrair para si a ira de Deus, a não prejudicar o próximo, a não privá-lo de seus bens, a não ser injusto, ou infiel, ou astuto para com ele em qualquer classe de negócios, mas sim que terá de proteger seus bens ou exigir que lhe sejam entregues, sobretudo em se tratando de dinheiro, salário ou alimentação. (Martinho Lutero, *Catecismo Maior* [1529], in *Mensageiro Luterano*, set. 1992, p. 5).

Considerações finais

Ainda que possamos perceber diversas heranças iconoclastas em meios protestantes, imagens perfazem suas práticas e articulam suas identidades como no caso de qualquer religião, apresentando ao historiador a possibilidade de uma história cultural das imagens. Como afirmou Burke (2001, p. 46), imagens expressam, formam e documentam diferentes visões do sobrenatural em diferentes períodos e culturas.

Entre luteranos, de um modo geral, a figura de Lutero é central e as memórias atreladas ao reformador são também visuais e imaginadas. Como se trata, porém, de um sistema de crenças altamente racionalizado, as imagens recebem reinterpretações feitas a partir da releitura de tais crenças em contextos diferentes, estimuladas pelas conjunturas histórico-sociais e pelas relações de poder. Nessas reinterpretações, visões de mundo, culturas políticas e identidades vão sendo geradas, negociadas, refeitas, revistas. Certos conhecimentos, nesse contexto, são pré-condições para a compreensão de alguns significados de imagens religiosas. Muitas vezes, tanto a iconografia quanto a doutrina precisou ser explicada pelo clero, a imagem agindo como reforço e lembrança da mensagem oral ou escrita, mais do que como uma fonte independente (Idem, p. 47-48).

A possibilidade de permanência viva de um sistema ortodoxo moldado no século 16 é justamente sua tradução cultural, sua adaptação, sua recriação. Assim, por um lado, uma ortodoxia como a da Ielb não é tão ortodoxa, também porque reflete as mudanças sociais e é por eles transformada; por outro lado, a busca pela manutenção da unidade e de um discurso oficial bem acabado, ainda que indisfarçavelmente disputado e diversificado, é o que garante sua continuidade enquanto ortodoxia: insuspeita permanência religiosa em meio ao cambiante mundo moderno.

Pelo que se pode aferir a partir dos discursos produzidos durante as guerras mundiais, em meio às conseqüências desses conflitos entre as comunidades alemãs brasileiras, os pastores da Ielb, então ainda um grupo pequeno e em grande medida rural, mantiveram um discurso deveras coeso. Os laços foram fortalecidos a fim de combater um inimigo comum que, durante as guerras, causou prejuízos às atividades práticas do grupo. Em reação aos problemas que enfrentavam, afirmaram sua posição de modo a construir sua

unidade e continuar seu trabalho de pregação da palavra. Sua luta era, de certa forma, contra os poderes oficialmente constituídos do Estado, a quem, contudo, acreditavam dever respeito e submissão porque “toda a autoridade é por Deus instituída”. Reforçou-se, nesse sentido, a distinção entre a igreja e o Estado, bem como entre a igreja e o mundo. Engendrou-se, então, nos discursos um tipo de inserção religiosa na vida social preocupada com a salvação das almas e com a preservação da igreja e de sua vocação confessional ortodoxa – pressuposto para que a salvação pudesse ser partilhada.

Lutero, nesse contexto, foi figurado como o defensor da verdade do evangelho puro contra os poderes do Papa e de Roma, verdade pela qual a igreja e os cristãos podiam alcançar sua finalidade ulterior, a saber, a vida eterna no mundo espiritual. A imagem do reformador, por outro lado, serviu para que os pastores se afirmassem ante o Estado, a sociedade e seus próprios fiéis como líderes religiosos diretamente conectados a Lutero, e a partir daí legitimassem seu poder, sua autoridade.

Com o fim da II Guerra e a nova conjuntura mundial que se gerou, o inimigo mudou. Em função disso, aos antigos discursos, novos significados foram acrescentados, novas cores foram reforçadas, novas combinações foram criadas. Uma ortodoxia, nesse sentido, precisa de algo para combater, precisa de uma heterodoxia, com a qual tratará de estabelecer sempre novamente suas fronteiras. Esse inimigo comum no caso da Ielb foi ora o Estado, ora o mundo perdido que não reconhece o evangelho verdadeiro, ora outras igrejas, especialmente a Igreja Católica e a Igreja Evangélica de Confissão Luterana.

Como nesse novo momento o prejuízo não estava mais sendo causado diretamente à Ielb como o fôra durante as guerras, as respostas também articularam-se mais difusa e diversificadamente. Na etapa anterior, a igreja não se envolvia em “política”. Durante o período ditatorial, porém, algumas vozes se levantaram e um Lutero preocupado com educação e mais tolerante começou a ser rememorado. Assuma-se, porém, que a situação tornara-se então bem mais favorável à contestação direta do que quando a Ielb era ainda uma igreja de alemães no contexto das guerras mundiais. A questão, então, não era mais de sobrevivência grupal como antes, mas muito mais de legitimação de sua mensagem diante de um mundo e uma igreja que se transformavam rapidamente. Com esse afrouxamento das relações, novos significados foram

acrescidos e os discursos quanto à inserção religiosa da igreja na vida social não permaneceram mais tão coesos.

Quando a sociedade muda, da mesma forma a religião muda. Os caminhos, contudo, não são lineares e as adaptações podem acontecer em diversos sentidos, mais ou menos conflituosos, mais ou menos coesos. Assim como Lutero, os pastores da Ielb tiveram seus problemas reais e existenciais: a proibição do idioma alemão, a perseguição da comunidade teuta, os problemas sociais brasileiros (corrupção, desonestidade etc.), os desafios da modernidade e a busca pela afirmação de uma verdade religiosa. A estes problemas, aqueles pastores e líderes, quando e como puderam ou quiseram, responderam a partir de sua tradição confessional, revendo-a em função de novas conjunturas, recriando e negociando suas identidades étnicas e religiosas e revendo suas imagens de Lutero.

Isso foi também o que fizeram alguns jovens da Ielb no final dos anos 90, por ocasião do Lutherstock (Imagem 10), festival de bandas *gospel* inspirado no estadunidense Woodstock, porém sem o sexo e as drogas, somente o *rock'n'roll*. Este, contudo, é um outro olhar e uma outra história.



Imagem 10 (recriada por Priscila Bueno, a quem o autor agradece)

Referências

- ALVES, Rubem. *Da esperança*. Campinas: Papirus, 1987.
- ANDERSON, Benedict. The nation and the origins of national consciousness. In: GUIBERNAU, Montserrat; REX, John (Ed.). *The ethnicity reader: nationalism, multiculturalism and migration*. Cambridge: Polity, 1997, p. 42-51.
- BURKE, Peter. *Eyewitnessing: the uses of images as historical evidence*. Ithaca: Cornell University Press, 2001.
- DUCHROW, Ulrich. *Os dois reinos: uso e abuso de um conceito teológico luterano*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- EWING, Katherine T. The Illusion of wholeness: “culture”, “self”, and the experience of inconsistency. *Ethos*, Urbana, v. 18, n. 3, p. 251-278, 1990.
- FREEDBERG, David. *The power of images: studies in the history and theory of response*. Chicago e London: The University of Chicago Press, 1989.
- GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. Ufrgs, 1991.
- . Os luteranos no Brasil. *Revista de História Regional*, v. 6, n. 2, p. 9-33, 2001 (Disponível em: www.rhr.uepg.br/v6n2/1Rene%20Gertz.pdf; acessado em 7 jun. 2005).
- HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Espiritualidade, processos e práticas sociais, um estudo sobre luteranismo confessional no Brasil. *Correlatio*, São Bernardo do Campo, n. 7, p. 44-60, 2005 (De: http://www.metodista.br/correlatio/num_07/junior1.pdf; acessado em 2 set. 2005)
- . Pela fé e pelo amor: a construção de uma espiritualidade luterana original. *Numen: Revista de estudos e pesquisa de religião*, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 35-69, dez. 2003.
- IGREJA EVANGÉLICA LUTERANA DO BRASIL – Ielb. <www.ielb.org.br> (Acessado em 15 ago. 2005).
- . *Hinário luterano*. 3. ed. Porto Alegre: Concórdia, 1990.
- JENKINS, Keith. *A história repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.
- JONGH, E. de. Some notes on interpretation. In: FREEDBERG, David e VRIES, Jan de (Eds.). *Art in history, history in art: studies in seventeenth-century Dutch culture*. Santa Monica: The Getty Center for the History of Art and the Humanities, 1991, p. 119-136.
- LIVRO DE CONCÓRDIA. Porto Alegre: Concórdia, São Leopoldo: Sinodal, 1981.
- MARCUS, George. After the critique of Ethnography: faith, hope, and charity, but the greatest of these is charity. In: BROFSKY, Robert (Ed.). *Assessing Cultural Anthropology*. New York: McGraw-Hill, p. 40-54, 1994.

- MARTY, Martin E. Religious fundamentalism: cultural concerns. In: *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*. Oxford: Elsevier Science, 2001, p. 13119-13123.
- McCONNELL, Kent A. Orthodoxy. In: BRASHER, Brenda E. (Ed.). *Encyclopedia of Fundamentalism*. New York, London: Routledge, 2001, p. 353-357.
- ORTNER, Sherry B. *High religion: a cultural and political history of Sherpa Buddhism*. Princeton: Princeton University Press, 1989.
- . Theory in Anthropology since the Sixties. *Comparative Studies in Society and History*, Cambridge e Michigan, n. 26, p.126-166, 1984.
- PLATE, S. Brent. Aisthesis, perceiving between the eye and the mind. In: PLATE, S. Brent (Ed.). *Religion, art and visual culture: a cross-cultural reader*. New York: Palgrave, 2002, p. 19-26.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-215.
- POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade*. São Paulo: Unesp, 1998.
- PRIEN, Hans-Jürgen. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja de Confissão Luterana no Brasil*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2001.
- RABB, Theodore K.; BROWN, Jonathan. The evidence of art: images and meanings in history. In: ROTBERG, Robert I. e RABB, Thodore K. *Art and history: images and their meaning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988, p. 1-6.
- REHFELDT, Mário L. *Um grão de mostarda: a história da Igreja Evangélica Luterana do Brasil*. v. 1. Porto Alegre: Concórdia, 2003 [originalmente: *The first fifty years of the history of the Igreja Evangélica Luterana do Brasil: the Brazilian District of the Missouri Synod*. 1962. Dissertação (em Teologia), Concordia Seminary, Saint Louis, 1962.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- STEYER, Walter O. *Os imigrantes alemães no Rio Grande do Sul e o Luteranismo*. Porto Alegre: Singulart, 1999.
- STOLOW, Jeremy. Designing Orthodoxy: paradoxes of authenticity and addressivity in a Jewish orthodox press. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON THE FUTURE OF THE RELIGIOUS PAST: What is religion: Vocabularies, temporalities, comparabilities. NWO, Amsterdam, Beurs van Berlage, 2-4 June 2005.
- THEIJE, Marjo de. *Tudo o que é de Deus é bom*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2002.

VRIES, Jan de. Introduction. In: FREEDBERG, David; VRIES, Jan de (Eds.). *Art in history, history in art: studies in seventeenth-century Dutch culture*. Santa Monica: The Getty Center for the History of Art and the Humanities, 1991, p. 1-6.

WARTH, Carlos H. *Crônicas da Igreja: fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil: 1900-1974*. Porto Alegre: Concórdia, 1979.

Recebido em 17 de julho de 2006 e aprovado em 14 de agosto de 2006